

Dois de Julho sem desfile de novo

A pira este ano será acesa por dois profissionais de saúde: luta contra a pandemia

Vinicius Nascimento

REPORTAGEM
vinicius.nascimento@redabahia.com.br

Pela segunda vez em 198 anos de história, não haverá festa em comemoração à Independência da Bahia. A culpa é da pandemia que assola o mundo desde 2020 e que, além de tirar vidas e empregos, impõe danos ao calendário cultural. Mais uma vez, não terá fogo simbólico saindo de Cachoeira, nem ruas enfeitadas no Centro Histórico, nem fanfarras e manifestações nas ruas.

Membro do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, Milton Moura conta que, durante a II Guerra Mundial (1939-1945), o Carnaval chegou a ficar suspenso, mas o Dois de Julho continuou acontecendo normalmente. Em 1943, por exemplo, a festa ocorreu debaixo de uma chuva muito forte. Há registros de uma multidão com guarda-chuvas fazendo o cortejo. Um dos maiores reveses que a festa da Independência da Bahia sofreu foi justamente no ano de seu centenário, em 1923, quando o Brasil vivia o período da República Velha.

A escravidão tinha sido abolida menos de 40 anos antes, em 1888, mas as pessoas negras escravizadas e seus descendentes seguiam sendo vistas como inferiores para as elites do país, que, naquela época, vivia o auge de seu processo de eugenia, com a imigração de europeus no intuito de embranquecer o país e torná-lo mais parecido com as potências europeias Inglaterra e França.

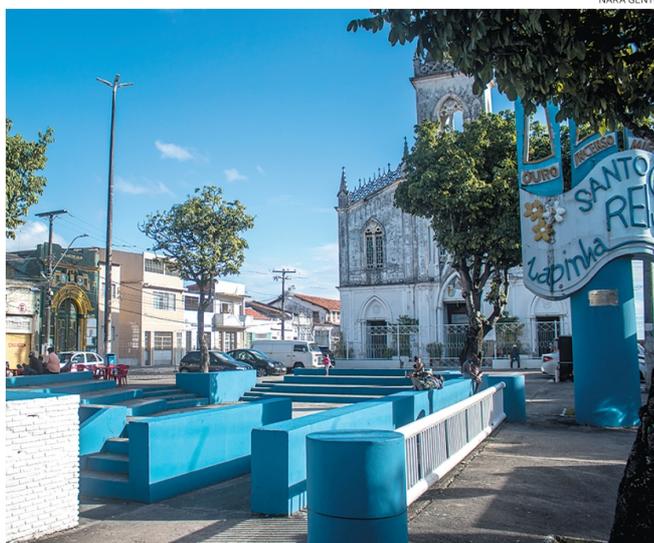
Por conta disso, a imagem

do Caboclo foi abolida, explica o pesquisador. Não era um europeu ou um homem branco e, portanto, não fazia parte da imagem que o país queria ter. “As elites baianas e brasileiras de um modo geral queriam fazer um embranquecimento do Brasil. E o Caboclo era a marca de uma independência representada por um elemento mestiço, vestido de índio. E eles queriam tudo branco. Nesse tempo se acirrou a perseguição aos batiques de candomblé. Era uma coisa obsessiva de fazer o Brasil parecer um país europeu”, diz Moura.

O historiador Daniel Rebouças classifica esse ato de retirar o Caboclo para colocar o Senhor do Bonfim no desfile da Independência como o ápice da eugenia no Brasil. Ele também afirma que nem mesmo no período da gripe espanhola, que assolou o mundo a partir de 1918, houve algo assim, com a proibição de pessoas nas ruas.

“O 2 de Julho foi meio cambaleante durante a história. Há a procissão cívica e a popular, que normalmente é materializada nos carros do Caboclo e da Cabocla. Teve anos em que o carro da Cabocla ficou preso dentro do Pavilhão da Lapinha, mas havia comemoração da Independência nas ruas, no Instituto Histórico... Mas, como agora, zero de comemoração pública, eu desconheço”, afirma.

Assim como no ano passado, haverá atos comemorativos simbólicos no Largo da Lapinha, com acesso restrito a autoridades e imprensa. Durante a cerimônia, as figuras do Caboclo e da Cabocla estarão posicionadas do lado de fora do Pavilhão 2 de Julho, vestidos



NARA GENTIL



ARQUIVO CORREIO

Haverá atos simbólicos no Largo da Lapinha (acima), com acesso apenas a autoridades e imprensa; abaixo, a Casa de Câmara e Cadeia, em Cachoeira, onde hoje é a Câmara Municipal

de “Verde Esperança” pelo artista plástico João Marcelo. Ao final, as estátuas serão recolhidas para o Pavilhão da Lapinha. Não haverá carreatas.

As 8h, será realizado o hasteamento das bandeiras com as presenças do prefeito Bruno Reis, do governador Rui Costa, do presidente da Assembleia Legislativa da Bahia, Adolfo Menezes, e do presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Eduardo Moraes de Castro. Na sequência, a pira do Fogo Simbólico, nomeada nesta edição de “Chama da Esperança”, será acesa por dois profissionais de saúde, em um gesto que representa a luta do

povo da Bahia na batalha contra a pandemia.

O prefeito de Salvador Bruno Reis explicou em coletiva virtual que haverá também uma programação on-line promovida pela Fundação Gregório de Mattos (FGM). “Por mais que tenhamos avançado na vacinação, ainda é fundamental evitar aglomeração e manter todos os cuidados”, justificou o gestor.

NOS DIAS 1, 2 E 3 DE JULHO, O CORREIO TERÁ CONTEÚDOS ESPECIAIS NO SITE, REDES SOCIAIS E JORNAL IMPRESSO. NO DIA 2, DAS 8H ÀS 10H, HAVERÁ UM PROGRAMA AO VIVO NO INSTAGRAM, @CORREIO24HORAS, APRESENTADO PELOS JORNALISTAS CLARISSA PACHECO E JORGE GAUTHIER, COM A PARTICIPAÇÃO DE CONVIDADOS ESPECIAIS

EVENTOS DA FGM

● QUINTA, 1º

9h Lançamento da campanha #Meu02Julho no Instagram da FGM (@fgm-oficial)

● DE 1º A 5 DE JULHO

Sempre às 9h

Será exibido no canal da FGM no YouTube o filme “Dois de Julho: Um Sonho de Liberdade”, dirigido por Yuri Rosat

9h O projeto “Brincando com o 2 de Julho” trará ao público diversos jogos de tabuleiro sobre a data, no site da FGM

10h O IGHB lançará em suas redes sociais a exposição “Personagens da Guerra pela Independência do Brasil na Bahia”

16h No YouTube, o IGHB lança o livro “O processo da Independência do Brasil no Recôncavo Baiano”, do historiador Manoel Passos Pereira

● DIAS 1º, 3 E 5 DE JULHO

14h O historiador Ricardo George ministra a série de vídeos aulas, no canal da FGM no YouTube

Cachoeira é a capital da Bahia por um dia

No dia 25 de junho de 1822, na antiga Casa de Câmara e Cadeia, em Cachoeira, Dom Pedro I foi aclamado Defensor Perpétuo do Brasil, o que significou uma declaração de guerra da Bahia contra Portugal. Por esse motivo, essa data é magna na cidade do Recôncavo. No local histórico, hoje funciona a Câmara

de Vereadores. Neste mesmo dia, a canhoneira lusitana começou a atingir Cachoeira. Portugueses locais, do alto dos seus sobrados, começam a atirar na população. Aí entra a importância da Casa Número 3, na Praça do Relógio, em São Félix. Na época, apenas uma vila se tornaria protagonista por formar o

Batalhão dos Periquitos, onde serviu Maria Quitéria, mas também por ter sido ali, precisamente na Casa Número 3, que foi construída a cartucheira. Por marcar o início da luta pela independência, desde 2007 Cachoeira vira capital da Bahia por um dia. É adivinha qual é? Isso mesmo, o 25 de junho.

Na última sexta, houve uma cerimônia de transferência simbólica da capital do estado na Câmara Municipal. A mudança da sede do governo foi aprovada pela lei 10.695, de 2007, e tem como objetivo reconhecer a importância de Cachoeira na luta pela Independência da Bahia. Essa cerimônia solene foi a única

a ser realizada este ano, além de uma nova sessão no dia 2 de julho. A vizinha São Félix também está tímida por conta da pandemia. Em nota, a Prefeitura local informou que fará a parte cívica pela manhã, alvorada e hasteamento das bandeiras e à noite haverá uma live, com a participação dos moradores.